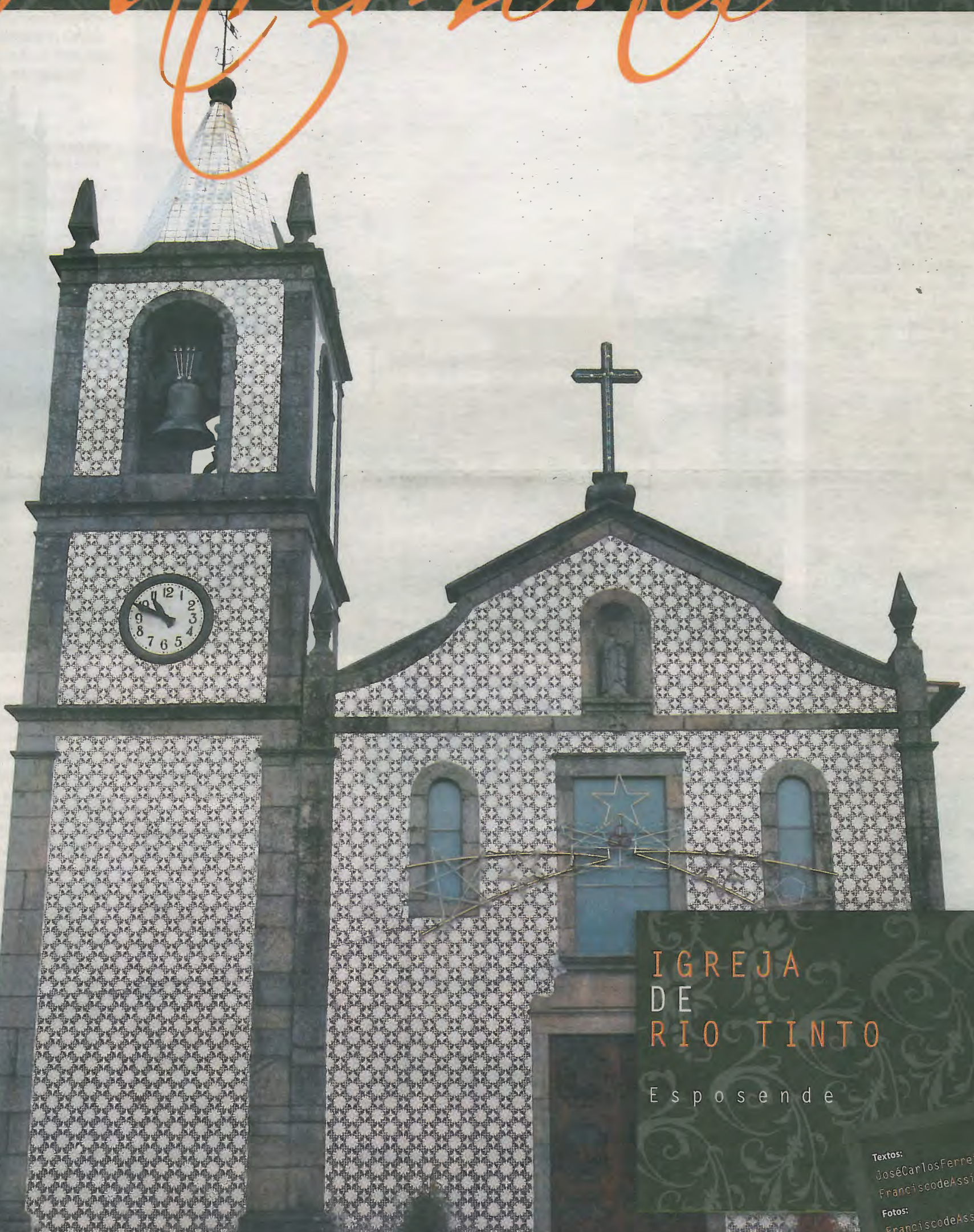


11 DE JANEIRO DE 2008  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28011 de 11 de Janeiro de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

# Património



IGREJA  
DE  
RIO TINTO

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis



## Introdução

A edição do suplemento "Património" do *Diário do Minho* de hoje é sobre a igreja de Rio Tinto, cujo orago é Santa Marinha. O nome da freguesia sugere vinho, por causa da cor do rio. No entanto, tanto quanto as lendas nos contam, seja qual for a origem da cor da água, não são muito famosas: uma mortandade, cujo sangue tingiu a água ou a extracção de ouro.

A actual igreja é uma construção setecentista, mas com um recheio praticamente novo. Contudo, as notícias sobre a igreja de Santa Marinha remontam pelo menos ao século XI. A união nunca foi a força da freguesia e as rivalidades são assumidas ainda hoje, mas sem benefício para ninguém. O templo foi construído em 1713, mas durante todo o século XVIII há muitas informações sobre obras realizadas, de maior ou menor monta. A torre sineira é do século XX.

Na actualidade, a igreja está segura e digna, graças ao trabalho do pároco, padre Paulino, uma vez que antes da sua chegada estava em muito mau estado. Para já, a única preocupação do padre são as obras na residência paroquial, onde deverá ser instalado um pequeno núcleo museológico, com as "memórias" da paróquia, designadamente paramentos, alfaias religiosas, entre outros objectos.

Entre as personalidades de renome da freguesia, destaque para o abade Tomé Tavares Carneiro, poeta do século XVII. A santa(?) Inquisição também deixou a sua marca na freguesia, com destaque para um padre, pouco católico, e para uma jovem, essa, ao que tudo indica, apanhada injustamente pelos carrascos inquisidores.

# Paróquia de Rio Tinto remonta às origens da nacionalidade



As primeiras referências a Rio Tinto são do século XI

**O**s historiadores afirmam que a paróquia de Rio Tinto é uma das mais antigas do país, realçando que ela já existia antes da nossa nacionalidade.

No seu livro intitulado "Rio Tinto – Sua Terra, Sua Gente", Manuel Albino Penteadado Neiva sustenta que «esta freguesia já existia muito antes da nacionalidade e, em 1059, diz-se que Rio Tinto se encontrava "sub Monasterio de Faria ecclesia vocabulo Sancta Marinha integra"». Segundo explica o historiador, «este documento é contemporâneo da grande luta travada por D. Fernando I, o Magno, que conseguiu a unificação dos vários reinos cristãos que existiam no aro da Península Ibérica (1037-1065)».

«Esta referência a Rio Tinto aparece num inventário de todos os bens que o Mosteiro de Guimarães tinha em Portugal e na Galiza, mandado fazer por Fernando Magno e pela Rainha D. Sancha. O seu topónimo era semelhante ao actual e a grafia usada era "Rivulo Tinto", embora antes do século XI chamar-se-ia "Santa Marinha de Patrines"», acrescenta. O historiador Franquelim Neiva Soares também defende, por sua vez,

que esta é «mais uma paróquia muito antiga que remonta às origens da nacionalidade».

Num artigo publicado em Maio de 1982, no jornal "Nascer de Novo", o investigador salienta que o nome de Rio Tinto «nesses recuados tempos era muito diferente do actual». «Chamava-se Patrines que, evoluindo lentamente, veio a dar por abrandamento Padrinhões e depois por síncope Parinhões, que hoje é um simples lugar», acrescenta. Segundo Franquelim Neiva Soares, esta designação da paróquia aparece «no Censual do Bispo D. Pedro, pagando seis quarteiros de trigo» e, «o orago já era certamente Santa Marinha, embora nas Inquirições de 1220 se aponte S. Martinho e num outro documento de 1294 Santa Maria».

#### Lenda explica mudança de nome

Sendo Patrines o nome inicial, a verdade é que, tendo em consideração os historiadores, a freguesia viria a chamar-se Rio Tinto, tal como é hoje conhecida. Franquelim Neiva Soares realça que «nas Inquirições de 1220 já vem com a denominação de Rivo Tinto, que evoluiu para Rio Tinto por síncope

do "se" intervocálico».

Manuel Albino Penteadado Neiva sustenta, por seu turno, que, «segundo A. Costa, este topónimo "Patrines" foi substituído pelo de Rio Tinto, "... que já era lugar em 1059, em virtude de Patrines se ir despovoando", como consta das Inquirições de 1258.

Para a nova designação há mesmo uma pequena lenda que tenta explicar a razão de Rio Tinto. Afirma Teotónio da Fonseca, na sua obra "Espozende e o seu Concelho", editada em 1936, que esta freguesia é atravessada pelo ribeiro Zarague. «Ao atravessar esta freguesia toma o nome de rio Tinto por, dizem, nas suas margens se ter travado uma encarniçada batalha entre mouros e cristãos em que correu tanto sangue que tingiu por completo as suas águas; do rio veio o nome à freguesia», afirma.

O historiador Manuel Albino Penteadado Neiva conta que «é precisamente Frei Francisco de Santiago, quando redigiu a Crónica da Província da Soledade, no século XVIII, quem escreveu, pela primeira vez, a Lenda de Rio Tinto».

Nesse texto reproduzido no livro de Penteadado Neiva, Frei Francisco

de Santiago relata que o confronto entre mouros e cristãos ocorreu num local a que chamam "Poço da Batalha", «onde indo-se retirando os mouros, os cristãos, os quais carregando em forma, os acabaram de vencer, onde corre um pequeno rio, que se mete no Cávado, cujas águas cresceram e se tingiram com sangue dos mortos, e que lhe ficou o nome de Rio Tinto e à freguesia onde acabaram».

Contudo, Manuel Albino Penteadado Neiva, para além da lenda, tem uma teoria sobre a designação de Rio Tinto. Segundo sustenta, este topónimo «tem mais que ver com a actividade mineira existente na área da freguesia, nomeadamente com a lavagem do minério e, por conseguinte, o tingimento das águas que por aí corriam».

Aliás, acrescenta ainda o investigador, «a esta indústria extractiva anda ligado o nome de Lagoa Negra que terá sido um centro de exploração de ouro, obrigando, naturalmente, à existência de uma série de estruturas de apoio, nomeadamente os canais para a lavagem do minério». «É natural que um desses cais de escoamento passasse por esta freguesia tingindo-lhe as águas», acrescenta.

# Padroado da igreja conheceu várias mudanças

**A** longo dos séculos, o padroado da igreja de Rio Tinto foi alvo de várias mudanças, com implicações directas na vida da comunidade, pois era da competência dos padroeiros a nomeação dos abades. Teotónio da Fonseca, no seu livro "Espozende e o seu Concelho", afirma que esta freguesia consta das Inquirições de D. Afonso II, de 1220, onde se refere que "dixerunt quod Rex non est patronus sede Sancta Maria vimaranes", ou seja, o rei não era padroeiro, mas sim Santa Maria de Guimarães.

Contudo, acrescenta, numa leitura de "O Ceo Aberto na Terra, História das Sagradas Congregações", do padre Francisco de Santa Maria, verifica-se que a freguesia «era de apresentação do mosteiro beneditino da Varzea, em alternativa com o Cabido de Braga, e que, como esse mosteiro se extinguisse nos meados do século XIV, depois de 1330, passara o direito de apresentação e alternativa de todas as igrejas a ele sujeitas para o convento de S. João Evangelista de Vilar de Frades». Para Teotónio da Fonseca, os dois documentos apresentam, aparentemente, uma contradição quanto ao padroado de Santa Maria de Guimarães e o da Varzea. «Quando e como passou daquela para este em alternativa com a Mitra? Confessamos que para nós é um ponto obscuro», afirma.

Para Franquelim Neiva Soares, «o assunto é bem mais complicado, como se patenteia pelos documentos guardados no Arquivo Distrital de Braga». Num artigo publicado em Maio de 1982, no jornal "Nascer de Novo", o historiador considera que «nada é de estranhar nessa mudança de padroeiros, pois, andando com os herdeiros e segundo as voltas e reviravoltas da vida, vendiam-se, permutavam-se ou doavam-se». Segundo explica, em Novembro de 1272 eram padroeiros de Rio Tinto o Cabido de Braga, o convento beneditino da Varzea, Pedro Nunes, soldado de Outiz, e outros netos de Gonçalo Nunes que, juntamente, apresentaram como abade Martinho Pedro, diácono, que o Cabido confirmou no mesmo dia.

## Redução a 2 padroeiros

«Em Junho de 1290 já só eram dois os padroeiros importantes, o Cabido de Braga e o mosteiro da Varzea, que apresentaram para abade Lourenço Domingues, tabelião do Arcebispo de Braga D. Frei Telo, que foi confirmado pelo antístete», acrescenta, realçando ainda que, em Março de 1294, Fernando Lourenço,

Vasco Lourenço e Martinho Lourenço acabariam por doar o seu padroado à Sé Primaz de Braga. Entretanto, a apresentação do abade acabaria por ficar melhor definida, tendo sido estabelecido a alternativa, ora de um ora de outro. No entanto, com a extinção do mosteiro da Varzea no século XIV, o seu direito de padroado passou para o mosteiro de S. João Evangelista de Vilar de Frades. «Em Julho de 1524 deu-se a anexação e união desta igreja a Lopo Dias, cónego prebendado da Sé de Braga, apenas durante a sua vida, por apresentação do Cabido de Braga, seu padroeiro, em alternativa.

Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, no seu livro "Rio Tinto - Sua História, Sua Gente", em 1564, «esta igreja encontrava-se anexa ao Mosteiro de Calvelo e tinha como abade o próprio reitor do mosteiro que era Pedro Tavares».

Para o historiador, «esta mudança constante de padroeiros da igreja vem, de certa forma, demonstrar o quanto era difícil a nomeação do seu abade e, também, a questionar os interesses que estariam por detrás destas anexações como, aliás, se constatará ao longo do século XVI aquando novas nomeações do seu abade».

«Os "Cónegos Azuis", assim eram



» A imagem de S. Bento pode lembrar que os beneditinos foram padroeiros desta igreja

chamados os titulares do Mosteiro de Vilar de Frades, procuraram desde logo pugnar pela sua autonomia em relação à Mitra de Braga o que, naturalmente, não agradou ao Arcebispo. Por este motivo foi desencadeada uma guerra judicial que

só conheceu o fim já no século XIX», acrescenta.

Manuel Albino Penteadado Neiva conta que, em Novembro de 1735, «o Cabido de Braga obteve uma sentença favorável, no Tribunal do Porto, sobre um diferendo entre os

dois padroeiros, nomeadamente, o Cabido da Sé e o Mosteiro de Vilar de Frades». Ainda segundo refere, «este processo arrastou-se durante muitos anos e poder-se-á dizer que só em 4 de Abril de 1822 é que teve uma solução final».



Cruzeiro paroquial de Rio Tinto



Imagem de Santa Marinha, padroeira de Rio Tinto

# Igreja de Santa Marinha foi construída durante o século XVIII

**A** igreja de Santa Marinha de Rio Tinto, tal como chegou aos nossos dias, é uma construção do século XVIII, presumivelmente de raiz. As informações chegadas até nós dizem-nos que o templo é de 1713, data essa que será da conclusão da capela-mor. No entanto, tudo aponta para que esta igreja tenha sido concluída, apenas, no final do "século das luzes".

Na sua publicação "Espozende e o seu concelho", Teotónio da Fonseca é taxativo e mostra-nos quão demoradas foram as obras: «a sua capela-mor foi levantada em 1713 e em 1717 lembraram-se de mandar levantar também o corpo da igreja, obra porém que só se realizou em 1786».

Outro dado a ter em conta, igualmente revelado pelo autor acima referido, é quando nos diz que, em 1700, havia, por trás da capela-mor, uma sacristia que foi demolida, «sendo construídas as duas do lado do evangelho [lado esquerdo] que ora existem».

Faltam dados para saber como é que estava a igreja, uma vez que, como foi dito anteriormente, o levantamento do corpo do templo só foi conseguido no final do século XVIII.

Um dos acontecimentos mais importantes de uma igreja é, sem dúvida, a colocação do Santíssimo Sacramento. Em Rio Tinto, a efeméride foi celebrada no dia 30 de Dezembro de 1738 quando, finalmente, foi conseguida a licença.

A petição tinha sido feita quatro anos antes, em que o juiz da Confraria do Subsino, juntamente com seus pares, oficializavam o pedido ao Arcebispo de Braga. Contudo era sabido que, à época, uma das condições para o licenciamento do Santíssimo era a existência de uma confraria. Uma exigência que ficou satisfeita no dia 7 de Outubro de 1738.

Além de uma confraria, outra das exigências da Igreja para se ter o Santíssimo era o azeite para a manutenção da lâmpada e os paroquianos foram-se preparando, enquanto esperavam pela licença. Prova disso foi que, dois anos antes da chegada da autorização, Maria Gomes, viúva de Francisco Dias de Barreiro, ao fazer o seu testamento, «além das 100 missas por sua alma e da de seu marido, deixou 2 moedas de ouro de 4800 reis para ajudar ao azeite do Santíssimo Sacramento», pode ler-se na obra de "Rio Tinto, sua história - sua gente", de Manuel Albino Penteadó Neiva, a partir de informações recolhidas do "Livro de óbitos da freguesia", 1713 e 1777.



> A intervenção deixou a igreja como nova



> Vitral com a invocação da coroação de Maria no Céu

## Rio Tinto em 1758

Entretanto, nas "Memórias Paroquiais de 1758", António Dias Faria, abade de Santa Marinha de Rio Tinto, fazia a descrição da freguesia, à época «pertença de El Rei e sem donatário». Sobre a igreja, dizia: «Tem altar mor em que está o Santíssimo Sacramento e dous altares collaterais, um deles de Nossa Senhora do Rozario e Santo António e São Napumeceno e São Pedro de Alcântara e outro do Senhor do Monte e o mártir São Sebastião e São Benedito». Não deixa de ser curioso o facto de não haver referências à imagem de Santa Marinha. A não ser que estivesse no altar-mor, onde, aliás, esteve até há bem pouco tempo. No final do século, em 1787, numa visita pastoral, o visitador não gostou da forma como estavam as imagens, «em lamentável estado de conservação, amputadas de braços e pernas», obrigando o seu

restauro.

Falando sobre a igreja e as suas características técnicas e arquitectónicas, Penteadó Neiva diz no seu livro "Rio Tinto, sua história - sua gente", que se trata de «um templo modesto, sem grandes recortes artísticos». Depois, refere: «o granito da região é o elemento preponderante na sua construção e a planta do edifício é simples, possuindo uma capela-mor e nave. Tem uma torre sineira de três andares adoçada ao alçado lateral norte, e encontra-se voltada a oeste. Esta torre é ornada com dois mostradores de relógio em cada mármore, envoltos em moldura de granito, e é rematada por uma cobertura pétérea piramidal». Convém esclarecer que, como escrevem tanto Teotónio da Fonseca como Penteadó Neiva, no início do século XX, ainda havia um torreão com dois sinos, separado do corpo da igreja. Foi, aliás, uma tradição de muitos anos. Outras vezes, na



> Pormenor da talha, no altar da padroeira, Santa Marinha

falta de um torreão, os sinos eram pendurados na árvore mais forte que existia nas redondezas do templo.

Teotónio da Fonseca dá a entender que não tinha certezas quanto à autoria da obra, disseram-lhe que seria do abade Vasconcelos.

DAS ALMAS, DO SANTÍSSIMO E DO SUBSINO ERAM AS MAIS IMPORTANTES

# Confrarias marcaram a história e vivência da freguesia de Rio Tinto

**S**e é verdade que, actualmente, a maioria das confrarias está reduzida aos estatutos e à memória dos mais antigos, são instituições que devem ser preservadas. Elas marcaram a vivência e a história da freguesia e paróquia de Rio Tinto. De facto, muitas das acções estavam viradas para as obras de misericórdia espirituais, como rezar pelas almas, cuidar das igrejas e das actividades pastorais e litúrgicas, mas as confrarias desempenharam também um papel de capital importância no dia-a-dia das pessoas de Rio Tinto, matando a fome àqueles que mais precisavam. Também por isso, marcaram a vivência diária da freguesia. Poucas eram as pessoas que não pertenciam a uma ou outra confraria. Além do espírito de solidariedade, era também uma questão de prestígio e coesão social, condições a que ninguém queria ficar de fora. Na paróquia de Rio Tinto, as confrarias mais conhecidas foram a do Subsino, a das Almas do Purgatório, provavelmente a mais popular; a do Santíssimo Sacramento, também com grande devoção e antiguidade; e a da Senhora do Rosário, com certeza a mais antiga.

É interessante verificar o papel da confraria do Subsino, uma espécie de Comissão Fabriqueira ou Conselho Económico da actualidade, mas com muito mais poderes. Estavam em quase todas as paróquias. A de Rio Tinto, e neste aspecto dos riotintenses podem ter orgulho, extravasou os limites da freguesia. Manuel Albino Penteado Neiva, na publicação "Rio Tinto, sua história sua gente", ao falar da confraria do Subsino de Rio Tinto, refere que os trabalhos de arranjo da freguesia eram outrora, delineados pela Confraria do Subsino. «No caso de Rio Tinto, teve muita importância. Muitos dos caminhos e estradas abertas, o arranjo da Igreja, apoio à construção de locais de culto (Bom Jesus de Fão, Santuário das Necessidades, etc.), era orientados por esta Confraria que, para o efeito, solicitava o trabalho de todos os riotintenses», escreve.

## Confrarias faladas nos séculos XVI e XVII

Não temos a data da criação de todas as confrarias. No entanto, para se aquilatar da sua antiguidade, basta ver que, em 1734, a petição para a colocação do Santíssimo na igreja de Rio Tinto, foi elaborada pela Confraria do Subsino. Em relação à Confraria do Santíssimo Sacramento, há dados mais concretos. Foi a 7 de Dezembro de 1738, «data em que celebraram a Escritura de Obrigação ao Santíssimo Sacramento», especifica Penteado Neiva.



> As bandeiras continuam a ser um dos símbolos das confrarias



> Altar da Senhora de Fátima onde, provavelmente, esteve a Senhora do Rosário

A Confraria do Santíssimo Sacramento ainda existe, embora com pouca actividade. Além das bandeiras e dos estatutos, resume-se praticamente a uma missa no segundo domingo de cada mês e, em Julho, a uma eucaristia com maior solenidade e uma procissão, sem grande expressão. Quanto à Confraria da Senhora do Rosário, hoje já sem estatuto nem representatividade na paróquia, terá sido a primeira a ser criada e era, porventura, a mais rica. Ela é referida no século XVII, mais precisamente no testamento do capitão Baltasar Lopes, da Quinta de Rio Tinto, que, no dia 10 de Maio de 1657, em que dizia: «Deixo à Confraria de Nossa Senhora do Rosário da dita freguesia [Rio Tinto], duas medidas de trigo anuais (...)», pode ler-se no livro "Rio Tinto, sua história - sua gente". Mas há outro documento mais antigo que coloca a Confraria da Senhora do Rosário no século XVI. Aliás, não deixa de ser curioso que o testamento é precisamente da Avó de Baltasar Lopes, Justa Dias. No texto do dia 23 de Agosto de 1595, lê-se: «deixava à Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Santa Marinha de Rio Tinto um alqueire de trigo de renda para sempre o qual se ao pre-



> Elemento de invocação das Almas, resistiu à "limpeza" na igreja

sente não houver será obrigado seu testamenteiro a comprá-lo da sua fazenda», lê-se no testamento que Penteado Neiva descobriu no Arquivo Municipal de Vila do Conde. A Confraria das Almas é, porventura,

a mais popular da freguesia. Aliás, o pároco considera até exagerada a obsessão pelo cemitério. Sobre a actualidade das confrarias, ao contrário, por exemplo do entusiasmo do padre de Fonte Boa,

padre Paulino não tem ilusões. «O tempo das confrarias já passou. Servem para manter a religiosidade popular é interessante, mas há coisas que não podemos restaurar porque já não há tempo para elas», disse.

RESIDÊNCIA PAROQUIAL PODE TER NÚCLEO MUSEOLÓGICO

# «Muitas vacarias estavam mais cuidadas que esta igreja»

A igreja de Santa Marinha de Rio Tinto é hoje, como já foi dito anteriormente, um templo seguro, limpo e airoso, graças a uma profunda intervenção levada a cabo pelo actual pároco padre Paulino Manuel Vale Novais. Aliás, falando do estado em que encontrou a casa de Deus, o sacerdote é muito duro: «muitas vacarias estavam mais bem cuidadas do que a igreja», referiu, sem, no entanto, apontar responsabilidades a alguém em particular.

Quando lhe foi pedido um retrato do estado em que encontrou a igreja, o padre Paulino lamenta não ter fotografias da época para mostrar. «Aqui dentro [na sacristia], não tinha nada. Apenas um móvel velho, as alfaias religiosas andavam ao Deus dará. Isto é tudo novo», começou por dizer.

A igreja metia água por todos os lados, o pavimento e as paredes estavam degradadas, os altares em mau estado de conservação e havia muitas mísulas colocadas sem quaisquer critérios. Foi este estado de coisas que o pároco teve que enfrentar, situação dificultada por uma freguesia historicamente dividida e que o tempo nunca conseguiu unir.

«É um povo que corre muito para o cemitério», desabafa o pároco, que gostaria de ver maior empenho para as coisas da igreja e «menos apego ao cemitério».

Além do enorme trabalho do tecto e do pavimento, os altares também estavam em estado lastimoso. «O altar-mor foi todo desmontado e transportado para Braga, onde foi pintado de novo e dourado», explicou o padre Paulino.

O actual altar de Nossa Senhora de Fátima é completamente novo. No entanto, parte da talha que está hoje na mesa do altar pertencia ao altar onde está hoje a imagem da Senhora de Fátima.

A imagem da padroeira, Santa Marinha, estava no altar-mor e só recentemente foi colocada num dos altares laterais. A semelhança do altar da padroeira apresenta alguma arte de característica barroca, nomeadamente os anjinhos, os bagos, os pássaros, entre outros elementos típicos. No entanto, é preciso esclarecer que a talha é completamente nova, como aliás já foi dito. Ainda assim, pensa-se que o actual altar de Nossa Senhora de Fátima seja o antigo altar de Nossa Senhora do Rosário já referido nas Memórias Paroquiais de 1758. O facto da decoração da mesa do altar ter sido retirada desse

altar ajuda a consolidar essa possibilidade.

Os vitrais colocados nas paredes laterais e no coro alto ajudam a embelezar o templo. Todos são ofertas de beneméritos. Os que estão na coro alto são da Anunciação e Assunção e o maior tem como motivo a Coroação da Virgem Maria.

## Núcleo museológico na residência

Entretanto, na actualidade, o que preocupa o padre é a residência paroquial, cujo projecto custou 600 contos. As obras estão em curso, o rés-do-chão para a catequese está concluído. O pároco idealizou espaços para catequese, um núcleo museológico, arquivo paroquial e espaço residencial para um padre, porque «pároco fixo nunca mais vai ter», assegura. Nesse espaço museológico cabem paramentos antigos, custódias, um Cristo antigo, que estava na igreja e que foi conservado, missais, um presépio, um pequeno sacrário, a máquina do antigo relógio, entre outros objectos que fazem parte da identidade histórica dos riotintenses.

Curioso é o dado que Teotónio da Fonseca nos deixa sobre a residência paroquial. Fica-se a saber que, aquando da publicação do livro, em 1936, a residência estava em obras. «É um edifício de regular aparência e, depois de concluídas as obras, ficará uma habitação condigna do seu pároco», refere no livro "Espozende e o seu concelho".

Ao que parece já era doença antiga. Regista-se que, em 1845, além da igreja, também a residência paroquial ameaçava ruína.

Perante a falta de apoio de que se queixa, padre Paulino já está con-



Talha do altar da Senhora do Rosário, na mesa do altar

vencido que a obra é necessária, mas que já não é para ele. Com 51 anos de sacerdócio em Barqueiros, 20 em Rio Tinto e muitos outros em várias outras paróquias, nota-se um sentimento de desânimo. «Tenho zelo pastoral, mas não tenho ajudas».

O sentimento é de dever cumprido. De uma igreja que não dignificava nem as celebrações religiosas nem as suas gentes, fez um templo que classifica de «perfeitíssimo». «Hoje é uma igreja praticamente nova, mas não devemos deixá-la degradar-se, porque deu muito trabalho e custa muito», aconselhou.



Residência paroquial à espera de mais apoios para a sua conclusão



Algumas das peças que podem fazer parte do núcleo museológico

# Rio Tinto teve um pároco que se distinguiu como poeta

No século XVII, Rio Tinto teve um pároco que se notabilizou pelos seus dotes poéticos, tratando-se do abade Tomé Tavares Carneiro que, através da sua pena, escreveu versos satíricos que pouparam quem o rodeava. Segundo o historiador Manuel Albino Penteado Neiva, em 1600 este sacerdote já era pároco de Rio Tinto. «Pelo menos, data de 13 de Março de 1600 o primeiro registo paroquial por ele assinado e constante no Livro de Nascimentos desta freguesia», afirma no seu livro "Rio Tinto - Sua História, Sua Gente". O investigador afirma que «foi Cristóvão Alão de Moraes quem, em 1653, reuniu, num manuscrito depositado na Biblioteca do Porto, a maioria das poesias do poeta Tomé Tavares, a que deu o título de "Obras Burlescas do famoso Thomé Tavares, Abade de Rio Tinto, junto a Barcelos, e natural da Cidade do Porto"». António Cruz, que estudou este documento, afirma no artigo "Tomé Tavares Carneiro, Poeta Portuense de Seiscentos", inserido no Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, publicado em 1941, a poesia do sacerdote revela «inspiração e uma facilidade de forma invulgar no seu tempo». «O verso, longe de ser rebuscado, sai fluente e claro. Por vezes anima-o o colorido e a vivacidade», acrescenta.

Apesar de ser padre, afirma Manuel Albino Penteado Neiva, o pároco de Rio Tinto não poupava os seus colegas sacerdotes. Segundo conta, na altura o Mestre-Escola da Colegiada de Barcelos era Francisco Rodrigues de Carvalho, sobre quem pendia a fama de caloteiro, mau pagador e de cleptomaniaco. Quando este rumou à sua terra, farto de ser ridicularizado, Tomé Tavares Carneiro, parafraseando Camões escreveu: "Mestre-Escola Maltês, que te partis-te; tão cedo de Barcelos, e tua gente; furtem eles lá na Pátria eternamente; deixou Barcelos, já roubado e triste". «Mas o abade não versava somente contra a Igreja, contra a sociedade aristocrática ou mesmo contra a burguesia endinheirada», realça o historiador. O padre poeta também era inspirado pelo povo. Por isso, depois de encontrar um grupo de homens junto a uma taverna bem bebidos, compôs: "Águas tornai-vos aos montes; tornai-vos lá do caminho; porque por cá não querem fontes; salvo se forem de vinho". Numa outra altura, tendo tido conhecimento que umas senhoras visitaram o convento de Vilar de Frades, o sacerdote soube também que elas tinham roubado os pratos da merenda que os frades lhes ofereceram e, para se redimirem, tinham ido em peregrinação à Senhora da Franqueira. Ora, para as repreender,



> Pia baptismal da igreja de Rio Tinto



> Imagem de Santa Rita de Cássia

o padre Tomé escreveu o poema: "Muito bom é visitar; O Bom Jesus e a Franqueira; Mas o melhor fora tornar; Os pratos de Talaveira; Ao sacristão de Vilar". Por último refira-se que o padre Tomé Tavares morreu em Rio Tinto, a 29 de Janeiro de 1634.

## Riotintenses castigados pela Inquisição

Entretanto, na história da freguesia de Rio Tinto, para além de um padre poeta, há também outros cidadãos que ficaram marcados mas, por motivos menos nobres. É o caso de uma jovem e de um sacerdote, ambos naturais desta freguesia que, em processos diferentes, foram condenados pelos Tribunais da Santa Inquisição. Assim, um dos casos aconteceu a cerca de duas semanas da Páscoa de 1591, quando Catarina Pires, com 15 anos, estava a servir em casa de uma senhora que tinha sangue judeu, foi à missa na igreja de S. João de Vila do Conde. No momento da comunhão, a sagrada partícula ficou entre os lábios e os dentes e não dentro da boca. «Perante o acontecido, o Coadjutor voltou-se para ela e disse-lhe que "erguesse para cima". Dada a simplicidade e até o medo demonstrado pela jovem Catarina, retirou-O da boca e colocando-O entre os dedos ergueu-O para cima», o que na altura era



> Tribuna do altar-mor da igreja

considerado sacrilégio, conta Manuel Albino Penteado Neiva. Tudo isto foi denunciado à Santa Inquisição, tendo a jovem sido ouvida no Colégio da Companhia de Jesus e na Casa do Despacho da Inquisição de Coimbra. «Foi sem dúvida o facto de ser criada daquela mulher que levou a que ficasse mais de dois anos no cárcere do Santo

Ofício, passando privacidades e sujeitando-se às mais terríveis torturas», sustenta o historiador. Catarina foi solta a 20 de Novembro de 1593, regressando a Rio Tinto. O outro caso é de um sacerdote que foi denunciado em 30 de Agosto de 1752 à Inquisição de Coimbra por assediar mulheres em Barcelos. O padre António José de Faria Rego

foi castigado com «as mais graves e rigorosas penas», tendo-lhe sido suspenso para sempre o poder de confessar, e por um período de cinco anos o exercício das suas ordens. Ficou ainda determinado que não entrasse em Barcelos e em Barcelinhos. Em 1763, levantaram-lhe a suspensão de celebrar missa e autorizaram-no a regressar à sua terra.



> A paróquia de Rio Tinto homenageou em 2006 o seu pároco, padre Paulino Manuel Vale Novais, pelas suas bodas de ouro sacerdotais. O momento ficou perpetuado com uma placa comemorativa que se encontra no adro da igreja.



> Junto à estrada que liga Rio Tinto a Vila Seca, inserido numa parede a nascente da igreja, encontra-se o cruzeiro velho. As peças mais antigas que o compõem são o plinto e o capitel.



> Em 29 de Setembro de 1734 os riotintenses solicitaram ao Arcebispo de Braga a colocação do Sacrário no seu templo. A licença foi passada em 30 de Dezembro de 1738.



> Numa das salas anexas da igreja de Rio Tinto encontra-se uma imagem de Cristo crucificado que estava dentro do templo. Esta imagem foi substituída por uma mais nova oferecida por um benemérito.



> A paróquia de Rio Tinto guarda ainda a antiga maquinaria do relógio que foi substituída por tecnologia mais recente. Esta máquina é uma das peças que irão ser integradas no núcleo museológico.



> O cemitério paroquial de Rio Tinto foi construído em 1885 e a primeira pessoa a ser ali sepultada foi Josefa Alves, que morreu aos 80 anos, no dia 25 de Março de 1886.